

## Ocorrências da (não) separação de línguas no Teletandem

*Occurrences of (non)-separation of languages in Teletandem*

Daniela Nogueira de Moraes, GARCIA(UNESP)<sup>1</sup>  
Victor César, DE OLIVEIRA (UNESP)<sup>2</sup>  
Douglas Cunha dos, SANTOS (UNESP)<sup>3</sup>

### RESUMO

A telecolaboração tem permitido acesso aos povos e línguas, transpondo barreiras geográficas e propiciando experiências significativas com vistas à construção de conhecimento, desenvolvimento de autonomia e competência intercultural. O teletandem, contexto que prevê a realização de sessões bilíngues de comunicação entre aprendizes de diferentes línguas por meio de aplicativos como o *Skype* e *Zoom*, tem possibilitado práticas pedagógicas significativas. Em um momento posterior à interação, um professor/pesquisador/mediador conduz as sessões de mediação junto ao grupo de participantes para promover um compartilhamento de experiências e fomentar a reflexão. O presente trabalho, sob uma metodologia qualitativa, enfoca dados de sessões de mediação com estudantes brasileiros referentes a interações conduzidas em 2016. Assim, pautados no suporte teórico da telecolaboração, tandem e teletandem, destacamos ocorrências da não separação de línguas nas interações, retratada pelos interagentes nas sessões de mediação, para compreender e buscar reforço de procedimentos e alinhamento aos interagentes. Os resultados evidenciam um desequilíbrio estabelecido pela mistura de línguas, que pode prejudicar as ações entre os pares, gerando desconfortos e interferindo, inclusive, nos demais princípios: reciprocidade e autonomia. Evidenciam, também, a importância das sessões de mediação como espaço de alinhamento e papel do mediador no suporte e potencialização da experiência entre os pares.

**Palavras-Chave:** Telecolaboração, Teletandem, Uso separado de Línguas, Mediação

### ABSTRACT

*Telecollaboration has allowed access to peoples and languages, crossing geographical barriers and providing significant experiences to build language knowledge, develop autonomy, and intercultural competence. Teletandem, a context that provides for bilingual communication between learners of*

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, Brasil. Departamento de Letras Modernas; <https://orcid.org/0000-0003-2813-7538>; e-mail: [dany7garcia@gmail.com](mailto:dany7garcia@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Programa de Pós-Graduação em Educação; <https://orcid.org/0000-0001-8034-410X>; e-mail: [victor.oliveira@unesp.br](mailto:victor.oliveira@unesp.br)

<sup>3</sup> Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, Brasil. Graduado em Letras; <https://orcid.org/0000-0001-7681-4156>; e-mail: [douglas.cunha101@gmail.com](mailto:douglas.cunha101@gmail.com)

*different languages using software such as Skype and Zoom, has facilitated significant pedagogical practices. After the interaction, a teacher/researcher/mediator conducts the mediation sessions with the group of participants to promote sharing of experiences and to encourage reflection. The present work, under a qualitative methodology, focuses on data from mediation sessions with Brazilian students conducted in 2016. Thus, based on theories of telecollaboration, tandem, and teletandem, we examine occurrences of non-separation of languages in interactions, reported by the students in mediation sessions, to understand it and aiming to reinforce procedures and alignment as a whole. The results point to the imbalance established by mixing languages, which can endanger the actions between peers, generating discomfort and interfering in the other principles, reciprocity and autonomy. The importance of conducting mediation sessions is pointed out as an alignment context and also the mediator's role in supporting and enhancing the experience among peers.*

**Keywords:** *Telecollaboration, Teletandem, Separate use of Languages, Mediation*

## 1. Introdução

Tecnologias e mídias passaram a incrementar transformações nas práticas cotidianas em diversos setores da sociedade, dinamizando a comunicação e a troca de conhecimentos. Dessa forma, novos olhares podem ser postos no processo de ensino/aprendizagem.

As conexões à internet, em rede fixa ou móvel, possibilitam o despontar de recursos, aplicativos, ferramentas, programas, suportes para atender demandas de uma sociedade tecnologizada. Dedicamos nossa atenção às práticas pedagógicas em línguas estrangeiras (LE) para observar contextos profícuos para o compartilhamento de conhecimento e, também, o desenvolvimento de posturas autônomas, crítico-reflexivas e competência intercultural.

Compreendemos que, diante das inovações, as ações que utilizam as tecnologias e valorizam o aprendiz, possam complementar a sala de aula. Garcia (2020) reconhece que “A inovação e flexibilização nos circundam, em casa, na escola, na rua e, robustecem a educação. A maximização de oportunidades deve ser cogitada em prol de uma educação inovadora (...).” (p. 33). Dentre essas ações e oportunidades, o intercâmbio virtual, conforme apontam pesquisas na área (SALOMÃO, 2020; SALOMÃO; FREIRE JUNIOR, 2020; GARCIA, 2020; O’DOWD; BEAVEN, 2019; O’DOWD, 2015), constitui-se pertinente para engajar os aprendizes em um contexto que perpassa conteúdos linguísticos e se pautem na (co)construção de conhecimento e formação de um sujeito crítico-reflexivo. Para O’Dowd e Beaven (2019):

[e]m universidades pelo mundo, milhares de alunos estão participando de projetos interculturais colaborativos com parceiros em salas de aula em outros países por meio de tecnologias digitais, no que é conhecido como intercâmbio virtual (IV). IV não é uma prática recente na educação: tem existido por pelo menos três décadas, contando com o apoio das tecnologias. Atualmente, entretanto, em parte à onipresença, variedade de dispositivos tecnológicos e disponibilidades e, parcialmente a um aumento do foco da

internacionalização na educação, o IV tem recebido uma atenção maior de educadores e autoridades<sup>4</sup> (O'DOWD; BEAVEN, 2019, p. 15).

Estabelecemos nosso foco no teletandem que, inspirado na aprendizagem em tandem, tem se mostrado muito relevante nas ações de intercâmbio virtual. É definido como [u]m contexto virtual, autônomo e colaborativo que usa ferramentas de videoconferência online (texto, voz e webcam da tecnologia VOIP, como o Skype) para promover interações intercontinentais e interculturais entre aprendizes de uma língua estrangeira<sup>5</sup> (TELLES, 2015, p. 2).

Entre os procedimentos que norteiam as interações, há a indicação de dedicação igualitária de atenção e tempo para cada uma das línguas. A partir de pesquisas, como Picoli (2018), observam-se evidências nas sessões de mediação nas quais os alunos brasileiros discorrem sobre a experiência, que este princípio de aprendizagem em tandem foi, por muitas vezes, desatendido. Assim, a partir dos dados coletados nas referidas sessões, o presente trabalho destaca as ocorrências da não separação de línguas, com o intuito de compreender suas razões e buscar reforço de procedimentos e alinhamento aos princípios do teletandem.

Ainda que de forma breve, compreendemos que a temática aqui discutida possa unir vozes aos estudos sobre o teletandem e seus princípios, considerando-se a necessidade de orientações e acompanhamento mais robustos para potencializar ações de intercâmbio virtual. Assim, inicialmente, apresentamos os pressupostos teóricos da telecolaboração e das ações em tandem/teletandem. Em seguida, compartilhamos a metodologia do estudo, os dados do estudo e a análise desenvolvida. Algumas considerações a respeito do uso separado de línguas no teletandem são tecidas na última seção do trabalho.

## 2. Telecolaboração: algumas perspectivas

A internet, desde sua criação nos anos 60, tem impulsionado avanços significativos para a globalização e instigado contextos de aproximação linguística e cultural. Aplicativos e *sites* têm proporcionado importante insumo para o processo de ensino/aprendizagem e oportunidades de interação.

---

<sup>4</sup> No original: “*In universities around the world, thousands of students are engaging in intercultural collaborative projects with partners in classrooms in other countries using digital technologies, in what is known as virtual exchange (VE). VE is not a new practice in education: it has existed for at least three decades, as long as the technology that enables it. In recent years, though – partly due to the ubiquity and variety of technological devices and affordances, and partly due to an increased focus on the internationalization of education – VE has received greater attention from educators and policymakers alike.*” (Tradução nossa)

<sup>5</sup> No original: “*Teletandem is a virtual, autonomous, and collaborative context that uses online teleconferencing tools (text, voice, and webcam images of VoIP technology, such as Skype) to promote intercontinental and intercultural interactions between students who are learning a foreign language*”. (Tradução nossa)

A telecolaboração, colaboração online ou intercâmbio virtual<sup>6</sup> (HELM; GUTH; SHUMINOV; VAN DER VELDEN, 2020; ARANHA; WIGHAM, 2020; O'DOWD, 2018), termos, aqui, intercambiáveis, referem-se às práticas interculturais estabelecidas junto a parceiros geograficamente distantes que se dispõem a trabalhar de forma conjunta com a mediação das tecnologias.

O'Dowd (2011, p. 342) afirma que a telecolaboração: “é a aplicação de ferramentas de comunicação online para aproximar aprendizes de línguas geograficamente distantes no intuito de desenvolver as habilidades na língua estrangeira e a competência intercultural por meio de tarefas e projetos<sup>7</sup>”. Pautar a importância do bem social aqui destacado dentro da prática da telecolaboração já era evidenciado por Belz (2003, p. 2), que ainda adicionava que o exercício do intercâmbio virtual “pode ter um valor específico para os estudantes que não possuem a oportunidade significativa (orientada pelo professor) de interagir com pessoas de outras culturas”.

Helm e Beaven (2020) compilaram estudos de caso pautados no planejamento e implementação de intercâmbio virtual em diversos cenários e perspectivas, envolvendo professores, pesquisadores, coordenadores e gestores de instituições. Para as autoras:

O Intercâmbio Virtual é uma prática pedagógica baseada em valores como reciprocidade e aprendizagem mútua, oferecendo aos jovens oportunidades de se envolverem com múltiplas perspectivas sobre questões específicas ou áreas disciplinares, e de interagir e colaborar com pares distantes em programas educacionais estruturados em forma formal ou contextos não formais.<sup>8</sup> (p. 1).

Compreendendo que as ações de intercâmbio virtual podem promover aprendizagem significativa e aproximar os falantes e culturas por meio das tecnologias digitais, vários estudos, no Brasil e no mundo, reconhecem desafios e revelam contribuições da telecolaboração para o processo de ensino/aprendizagem e ao trabalho desenvolvido em sala de aula, fomentando a autonomia e a participação dos aprendizes na construção do conhecimento (CAVALARI; ARANHA, 2019; COSTA; SALOMÃO; ZAKIR, 2018; DOOLY; O'DOWD, 2018; QUARESMA, 2018; WARE; KESSLER, 2016; ANIKINA; SOBINOV; PETROVA, 2015; GARCIA, 2012). Observa-se, dessa forma, a ampliação de práticas para além das questões linguísticas e a possibilidade de se promoverem competências e relações para além da sala de aula.

---

<sup>6</sup> Trata-se de um termo guarda-chuva para abordar o ensino/aprendizagem sob a perspectiva inter ou transcultural.

<sup>7</sup> No original: “*telecollaboration*’ refers to the application of online communication tools to bring together classes of language learners in geographically distant locations to develop their foreign language skills and intercultural competence through collaborative tasks and project work” (Tradução nossa)

<sup>8</sup> No original: “*Virtual Exchange (VE)* is a pedagogic practice based on values such as reciprocity and mutual learning, offering young people opportunities to engage with multiple perspectives on particular issues or disciplinary areas, and to interact and collaborate with distant peers within structured educational programmes in formal or non-formal contexts.” (Tradução nossa)

Ao investigar intercâmbios virtuais e a internacionalização em casa no âmbito do Programa *Brazilian Virtual Exchange* (BRaVE - UNESP), Salomão (2020) reconhece que “Projetos telecolaborativos utilizando ferramentas digitais vêm ampliando, na atualidade, as possibilidades de internacionalização das universidades ao redor do mundo” (p. 152). Salomão e Freire Junior (2020) compartilham reflexões e experiências do primeiro ano de ações do supracitado Programa como forma de auxiliar e motivar instituições de ensino superior para implementação de programas de intercâmbio virtual. Apresentando exemplos concretos de ações de intercâmbio virtual em disciplinas de diferentes áreas do conhecimento, os autores compreendem a necessidade de agregar formação e demandas da atualidade, viabilizando o acesso à experiência internacional, independente da mobilidade física que constitui um grande fator restritivo no Brasil.

Diante do exposto, baseamo-nos nas ações em teletandem, como práticas de intercâmbio virtual, para abordar o cenário do ensino/aprendizagem de LEs e observar um dos pilares da prática em tandem, o uso separado de línguas, que será melhor explorado no tópico seguinte.

### 3. Tandem e teletandem: origem e princípios

A partir de interesses e necessidades políticas, comerciais, intelectuais e culturais, a sociedade tem buscado maneiras de se relacionar. Salientamos o potencial das tecnologias e mídias para empreender agilidade e promover conhecimento e conexões. Tal panorama contempla, também, o processo de ensino/aprendizagem de LEs.

A aprendizagem em tandem se estabelece a partir de aspirações de falantes de diferentes línguas em locais diferentes. Tandem é “uma forma aberta de aprendizagem que envolve dois aprendizes de línguas nativas diferentes que trabalham juntos no intuito de aprender a língua do outro” (LITTLE; USHIODA; APPEL; MORAN; O’ROURKE; SCHWIENHORST, 1999, p. 1).

Em princípio, “tandem” foi utilizado na Alemanha nos 60 (BAUMANN; BRICAUD; CHOLLET; DUPUIS; FALK; HERFURTH; KERNDTNER; SANSENÉ, 1999; MACAIRE, 2004) e logo, nos anos 70, popularizou-se por outros países da Europa (WOLFF, 1991; HERFURTH, 1992; 1994) onde incorporou a forma praticada nos dias atuais (COTO; RIVIERE; WOLFF, 1983; BRAMMERTS, 2003), ou seja, interações bilíngues estruturadas em duas partes, uma para cada língua.

Seguindo para os anos 80, o tandem começou a ganhar espaço nos estudos acadêmicos (MÜLLER; WERTENSCHLAG; WOLFF, 1989). A partir dos anos 90, houve a sistematização dos princípios fundamentais do tandem (Uso separado de línguas, reciprocidade e autonomia), regulamentando-o de forma a empreender um caráter científico e expandindo-se, ainda mais, na Rede

Internacional de tandem e pesquisas conduzidas (ROSANELLI, 1992; LITTLE; BRAMMERTS, 1996; DELILLE; CHICHORRO FERREIRA, 2002).

Nossa compreensão engloba o emprego das ações em tandem como complementação do processo de aprendizagem de LEs de uma forma recíproca e autônoma e não como substituição de aulas presencialmente conduzidas. A língua deve ser usada para compartilhar experiências e informações (TELLES, 2006) por meio de sessões bilíngues com fins pedagógicos, distanciando-se de simples conversas entre estrangeiros.

Articulado a partir de experiências pessoais, Telles (2006) buscou respaldo nas teorias em tandem e nas tecnologias para apresentar o teletandem como maneira de atender demandas de ensino/aprendizagem apesar de dificuldades geográficas e financeiras estabelecidas no Brasil. Assim, como um contexto telecolaborativo de aprendizagem, o teletandem (TT) prevê trocas linguísticas e culturais por meio de aplicativos ou plataformas que possibilitam videoconferências nas quais os aprendizes possam praticar habilidades de fala, escuta, escrita e leitura.

O projeto “Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para todos” (TTB) teve fomento pela FAPESP (Processo 06/03204-2) e, com isso, foram estabelecidos laboratórios para a prática de teletandem, a priori, na UNESP, campi de Assis e São José do Rio Preto e, posteriormente, em Araraquara. Com o ambiente apropriado e equipado para as interações, iniciou-se uma trajetória de práticas e pesquisas na área em andamento há mais de uma década<sup>9</sup>.

Podendo alguns procedimentos variarem entre os referidos campi, em geral, as interações têm a duração média de 60 minutos. Prototipicamente, estabelecem-se 25 minutos em uma língua, 25 minutos em outra língua (para que ambos aprendizes sejam contemplados, respeitando o eixo recíproco) e 10 minutos de *feedback*.

Em relação aos princípios, o *Primeiro Princípio* do tandem prevê que as línguas não devem ser misturadas com vistas ao compromisso e envolvimento dos aprendizes. Segundo o autor:

(...) ele é importante, pois acreditamos que ele incentive e, ao mesmo tempo, desafie os aprendizes a falar a língua-alvo, mesmo se, para eles, falar a língua de proficiência seja mais fácil e rápido para atingir seus objetivos de comunicação. Além disso, este primeiro princípio básico também não deixa de garantir que os parceiros tenham suas respectivas oportunidades de se comunicarem na língua em que são proficientes, principalmente, ao tentarem atingir objetivos comunicativos na língua-alvo que seriam demasiadamente difíceis ou desafiadores. (TELLES, 2009, p. 24)

A reciprocidade se constitui o *Segundo Princípio* do tandem (BRAMMERTS, 2002) e, apesar de não se referir apenas à divisão das línguas, conecta-se ao Princípio anterior na divisão equitativa de

---

<sup>9</sup> O acervo do teletandem pode ser consultado em: [www.teletandembrasil.org](http://www.teletandembrasil.org)

tempo para a utilização da língua-alvo (TELLES, 2009). Dessa forma, reforça-se a relevância do atendimento dos Princípios da aprendizagem em tandem para maximizar o sucesso e aprendizagem nas experiências virtuais.

E por fim, o *Terceiro Princípio* prevê a autonomia sob a qual os pares são livres para tomar decisões referentes à experiência como, por exemplo, maneiras de conduzir a interação rumo aos objetivos propostos. A partir de processos de acordos e negociações (GARCIA, 2013), os interagentes poderão decidir sobre as temáticas, critérios de correção, *feedback* e avaliação.

De acordo com Salomão, Silva e Daniel (2009, p. 90), “Os parceiros devem tentar manter a igualdade de status das línguas dentro da parceria, assim como a instrumentalização do uso separado delas durante as sessões”.

Picoli (2019) entende o princípio da reciprocidade como meio de expressar a igual oportunidade de acesso ao idioma-alvo e o esforço de evitar a mescla de línguas durante a sessão de teletandem, o que reforça o princípio de uso separado das línguas (nosso foco neste estudo). Embasando-se no suporte teórico do bilinguismo e *code-switching*, sobre a alternância de códigos, revela que

[...] podemos descrevê-la como fluxo entre duas ou mais línguas diferentes que coexistem na mesma mensagem, em um contexto específico. Portanto a alternância de códigos é uma estratégia discursiva empregada pelos sujeitos bilíngues para atender às funções linguísticas e/ou pragmáticas individuais. (PICOLI, 2019, p. 38)

Em sua pesquisa, a autora quantificou a alternância de línguas na prática de teletandem a fim de determinar sua motivação, pautada em vertentes sócio-pragmáticas e interacionais. Dessa forma, dentre as razões encontradas, destacam-se a acomodação (expressa como a preferência no uso de um código em detrimento do outro), a solidariedade (estratégia escolhida para a suavização de mensagens) e o esclarecimento (com o objetivo de ampliar e enfatizar uma ideia).

Compreendendo, também, as razões supracitadas e as preocupações externadas por Picoli e Salomão (2020), reconhecemos que a alternância de códigos pode ser justificada e, até mesmo, apresentar contribuições no processo de aprendizagem de forma telecolaborativa, como apontam as autoras “um recurso pertinente do próprio repertório bilíngue” (PICOLI; SALOMÃO, 2020, p. 1620). Como um recurso ocasional para construir estratégias, driblar dificuldades ou necessidades de comunicação nas interações, podemos compreender a não observância de um paradigma monolíngue, todavia, não reconhecemos que esta deva se constituir a conduta principal dos interagentes.

As sessões de mediação constituem-se momento importante para o compartilhamento da experiência e oferecimento de suporte aos participantes (SALOMÃO, 2008). Geralmente, são conduzidas, presencialmente, pelo mediador, na figura de um aluno/professor/pesquisador após as interações. Assim, o grupo de brasileiros é reunido para expor questões de aprendizagem como a forma

de oferecer *feedback*, por exemplo, e discutir sobre a experiência colaborativa. Ao que compete a presente pesquisa, as sessões de mediação geraram os dados aqui analisados, segundo os preceitos a serem destacados na próxima seção.

#### 4. Metodologia: contextualizando o estudo

Com base em André (2013) e Denzin e Lincoln (1998), entendemos que o presente artigo constitui-se um estudo de caso de cunho qualitativo. Enfocando as sessões de mediação, momento no qual observamos a separação de línguas em sessões de teletandem, como já explanado, os dados aqui apresentados foram coletados por meio de gravações em áudio das referidas sessões entre alunos brasileiros aprendizes de inglês e alunos estadunidenses aprendizes de português, no decorrer de 4 e 6 sessões entre os meses de outubro e novembro de 2016. A partir das transcrições, buscamos consolidar nosso objetivo de pesquisa que é destacar ocorrências da não separação de línguas para compreender suas razões e buscar alinhamento de observância aos princípios das práticas em teletandem. Tais ocorrências serão abordadas nos depoimentos e reflexões dos alunos brasileiros em sessões de mediação aqui apresentadas.

Os participantes foram alunos de graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP) de cursos variados mostrando, assim, a oferta à comunidade acadêmica e variedade do público para a prática de teletandem.

As mediadoras foram uma aluna/pesquisadora, graduanda em Letras, que esteve presente em todas as sessões e auxiliou na organização das interações em parceria com duas professoras/pesquisadoras que se alternavam nos grupos e nas sessões de mediação.

Considerando que as mediadoras estavam em contato direto com os interagentes entrevistados e a situação estudada, elucidamos que as interações e mediações em teletandem foram conduzidas no laboratório de Teletandem da universidade com suporte necessário para as sessões. Ressaltamos, ainda, que com a presença do professor/pesquisador/mediador acompanhando os grupos no Laboratório no decorrer da realização das sessões de interação e mediação, os interagentes podem recorrer a ele, em caso de dúvidas sobre como proceder, por exemplo, de modo que os princípios sejam observados e a experiência flua segundo os propósitos estabelecidos.

Externada a importância da mediação, já que é nela que os interagentes podem refletir e (re)pensar as práticas telecolaborativas e seu processo de aprendizagem, o quadro abaixo demonstra a constituição dos dados aqui enfocados:

**Tabela 1.** Grupos de amostragem.

	Grupo 1 - G1	Grupo 2 - G2
Número de interações	4	6
Número de participantes	8	10
Presença da professora/pesquisadora/mediadora?	sim	Sim
Presença da aluna/pesquisadora/mediadora?	sim	Sim

**Fonte:** elaboração própria

Passamos, agora, à análise dos dados do presente estudo. Para preservar a ética e identidade dos participantes, seus nomes foram alterados e as siglas PPM para professora/pesquisadora/mediadora e APM para aluna/pesquisadora/mediadora foram adotadas.

## 5. Compartilhando os dados

Considerando a importância dos princípios da aprendizagem em tandem como forma de garantir oportunidades a ambos interagentes, em especial o uso separado de línguas, observa-se a finalidade de estabelecer um objetivo linguístico e pedagógico para que os pares se beneficiem e se desafiem para auxiliar o parceiro na aprendizagem. Segundo Souza (2020, p.39), “ O uso separado das línguas visa garantir um tempo equivalente para a prática de cada língua e evitar o domínio, mesmo que involuntário, do interagente mais proficiente”. Assim, para tentar evitar o desfavorecimento, mas que lhes sejam atribuídas iguais oportunidades de prática linguística aos pares, debruçamo-nos nos nossos objetivos para observar os dados gerados nas sessões de mediação.

É importante esclarecer que foi possível observar que, ao abordar a divisão e troca de línguas nas sessões de mediação, questões como a interferência do espanhol, processos de negociação e correção e, ainda, *feedback* se mostraram presentes em várias parcerias e variados momentos. Por tal razão, nossa análise sugere uma categorização dos dados entre (i) aqueles onde os sujeitos expõem a divisão de tempo de sessão e o uso separado de língua dentro da mesma, e (ii) aqueles onde os interagentes discorrem sobre a prática de interferência e *code-switching*. De tal forma, podemos compreender melhor o cenário de equidade e divisão das línguas nas interações.

### 5.1. O tempo de prática

O excerto 1 retrata o comentário do participante André acerca da troca de línguas na sessão.

André	Foi bem legal! Hoje a gente começou em português e depois a gente foi para o inglês, só que ela falou mais português que eu porque semana passada eu falei mais em inglês com ela.
PPM	Importante equilibrar.
André	A gente equilibrou certinho!

*Excerto 1- Sessão de Mediação- G1, 28/10*

É possível observar que há menção à língua de início (“... a gente começou em português...”) e, também, à troca (“...e depois a gente foi para o inglês...”). O participante, porém, destaca que não houve a equidade de tempo para as duas línguas naquela sessão e, também, na anterior. Apesar disso, relata que buscou uma compensação ao ampliar o tempo de produção em uma das línguas. Sob o alerta da PPM de da importância do equilíbrio, o participante demonstrou ciência e afirmou fazê-lo. Ainda que a isonomia tenha sido almejada entre as diferentes sessões, entendemos que, se concretizada na própria sessão, possa trazer maior benefício à parceria, observando-se a igual divisão de tempo para a prática de cada uma das línguas e mútuas oportunidades para os pares.

Entendemos que, ainda que a autonomia seja, e deva mesmo ser exercida pelos pares, ela não deveria influenciar a tomada de decisões individuais como, por exemplo, a divisão desigual de tempo de produção oral em uma das línguas, preterindo um dos princípios em tandem.

Retomando a finalidade da sessão de mediação que envolve a obtenção de *feedback* sobre a experiência de intercâmbio virtual e a articulação de um contexto para se discutir e refletir sobre a própria atuação e dos demais participantes, recai, ao professor mediador, a tarefa de proporcionar uma atmosfera de segurança para que os alunos compartilhem questões discutidas ou vivenciadas e recebam orientações, apontamentos de forma que se desenvolvam e beneficiem (GARCIA, 2015). No caso do excerto 1, a PPM parece compreender a importância de sua atuação no acompanhamento das interações, reforçando o atendimento dos princípios norteadores.

O excerto 2 apresenta a experiência do participante Marcos e enfoca a não troca de língua mediante a fluidez e envolvimento na conversa.

Marcos	Você acaba se envolvendo na conversa...Você tá ali conversando e passa o inglês ou passa o português e você sem perceber... Hoje mesmo a gente tava fazendo a interação e não deu tempo de trocar a língua, assim... sabe? Porque ela precisava ir num protesto lá e na hora que a gente viu, no momento de trocar, ela precisava ir.
APM	E vocês falaram o português ou inglês?
Marcos	Inglês. E quando ela fala português ela tem um pouco de dificuldade.

*Excerto 2- Sessão de Mediação- G1, 11/11*

O excerto 2 revela o envolvimento na conversa e a consequente utilização de apenas uma língua na interação, que pode ocorrer em decorrência da afinidade com o assunto discutido, maior proficiência ou interesse do parceiro aprendiz na língua-alvo, etc. Ele aponta para a fluidez da conversa, aspecto importante nas parcerias pois demonstra entrosamento e disposição para a prática do intercâmbio virtual.

Todavia, é de suma relevância a compreensão de que o teletandem não se constitui mero bate-papo entre estrangeiros (TELLES, 2009) mas compraz propósitos pedagógicos. Uma outra situação é que a fluidez é revelada na prática de apenas uma das línguas envolvidas na parceria o que, também, aponta para um desequilíbrio na sessão. Tais questões podem ser reforçadas pelos mediadores, sempre que possível.

A saída antecipada da participante acabou gerando uma situação não recíproca na qual a própria parceira não usufruiu do seu momento de aprendizagem da língua estrangeira. Com um tempo de interação reduzido, faz-se necessário uma organização de tempo específica para a situação, acordada entre os interagentes, para que haja equidade nas oportunidades de prática da língua-alvo.

O excerto 3 apresenta o comentário da participante Luciana, contemplando a igualdade de tempo para as duas línguas estudadas.

APM	Mas, assim a divisão do tempo foi ok?
Luciana	Foi... Foi... A gente começou falando em inglês, aí com vinte e cinco minutos a gente trocou pra português.

*Excerto 3- Sessão de Mediação- G1, 18/11*

Diante do questionamento da APM sobre a divisão do tempo, Luciana, apenas, constata a condução da sessão com início no inglês e, a partir da troca, a prática em português. Entendemos que esse deveria ser um procedimento buscado entres os pares, atentando para a permuta de língua de início como mais uma tentativa de garantir, aos participantes, equivalência de oportunidades na aprendizagem.

O excerto 4 retrata o comentário de Viviane que, também, aponta para o exercício do uso separado de línguas.

APM	Porque teve gente que atrasou bastante...
Viviane	(...) deu certo também. Ela nunca atrasa sempre começa no horário certo na hora. A gente começou em inglês hoje e a gente sempre faz 25 minutos-25 minutos (para cada língua) então, não tem problema quanto a isso. (...) a gente falou também da semana passada, que a gente fez só vinte minutos (totais de interação) porque ela teve que ir.
APM	Vinte minutos no total?
Viviane	Vinte minutos no total! É! 10 em inglês e 10 em português (...)

*Excerto 4- Sessão de Mediação- G1, 18/11*

Após menção de atrasos no grupo pela APM, Viviane reporta a realização de uma sessão de teletandem de 50 minutos, destacando a frequente pontualidade da parceira. Além disso, explicita, também, a consciência de equilibrar as línguas na sessão. Destacamos uma situação já presente no excerto 2 e que se repete aqui, que é o comprometimento para com o parceiro e a organização para interagir durante a sessão toda, previamente agendada. No caso, as parceiras, ainda que focadas na

divisão de uso da língua, interagiram por apenas 20 minutos, tempo aquém do esperado devido a uma necessidade da estudante estrangeira.

No excerto 5, observamos a fala da APM e a orientação reforçada para a troca de língua.

APM	Então, a questão do uso separado das línguas, tentar manter, de verdade mesmo, português só português e em inglês, só em inglês. Essa questão da troca e da divisão do horário também, a gente já falou... Na verdade, geralmente tem alguém pra falar, ou daqui ou de lá (...)
-----	---

*Excerto 5- Sessão de Mediação- G2, 13/10*

No momento da mediação, com todo o grupo, a APM alerta para o uso separado das línguas e para a atribuição do mesmo tempo para a prática de cada língua. Ao final, afirma que os participantes podem receber um lembrete para a troca por um membro das equipes do Brasil ou do exterior que, geralmente, monitoram a duração das interações.

Os próximos excertos comentam sobre outros aspectos relevantes averiguados na análise e as interferências dentro da prática, como o *code-switching*.

## 5.2. Interferências na Prática

Retomando a parceria comentada no excerto 1, o relato de Marcos mostra-se pertinente quando abordamos interferências dentro da prática da língua-alvo, como podemos observar no excerto 6.

Marcos	Mas às vezes é tipo... meio que aleatório. Às vezes a gente faz inglês-inglês, às vezes, português-português. Ele fala inglês e eu respondo em português, aí ele corrige também, sabe? Acontece... E inglês, sabe? Eu quero aprender.
PPM	Isso se chama code switching, (troca de códigos) na linguística, quando você troca, né? Então a gente “fala primeiro em português, depois em inglês, depois troca.”, né? Mas quando você recorre à outra língua durante aquele momento, a gente chama de code switching, que é “troca”.
Marcos	É, porque às vezes você não sabe o vocabulário aí... você fala em português e eles respondem...

*Excerto 6- Sessão de Mediação- G1, 11/11*

Marcos reporta, no excerto 6, a aleatoriedade de uso das línguas, sem se atentar para a equivalência de oportunidades para a prática de cada uma delas, aspecto fundamental no teletandem. Ele comenta sobre a utilização aleatória do inglês-inglês, português-português, do português quando no momento do inglês em suas interações, sem planejamento ou acordo prévio. É possível pensar que este participante integra um grupo de interações/mediações no qual já foram oferecidas orientações e sugestões para a prática. Todavia, o que se percebe é uma grande flexibilização da prática, por conta própria, em prol da aprendizagem (objetivo que explicita no excerto 6).

Nas linhas de 4 a 6, a PPM aponta o conceito de *code switching* e oferece a explanação do procedimento de troca de língua adotado por Marcos. Podemos pensar, também, que se trata de intercompreensão, uma prática comum entre falantes de línguas próximas.

Podemos inferir que, apesar da presença de professores/pesquisadores/mediadores no ambiente do Laboratório quando da realização das interações, nem sempre há possibilidade de remeter a todas as situações emergentes e, naturalmente, algumas ações lhes passam despercebidas, podendo ser retomadas em outros momentos. De qualquer forma, em relação à autonomia, defendemos que ela seja construída entre os pares mas desfrutada com responsabilidade no teletandem, de forma a não entrar em desacordo com os demais princípios (aqui destacado o de uso separado de línguas), gerando grande flexibilização e desequilíbrio de oportunidades aos pares.

No excerto 7, Mariana apresenta sua experiência com o uso do espanhol pelo parceiro durante a interação em inglês e português.

Mariana	Eu faço dois (grupos de teletandem) né? Daí o outro menino, ele só fala português, só inglês e português, e aí, quando ele não sabe ele fala em inglês porque aí eu entendo. E esse aí fala em espanhol, e eu não entendo espanhol. Fica pior ainda...
APM	Você já tentou conversar com ele?
Mariana	Sim, já falei pra ele! Só que é costume dele... ele fala uma palavra assim... daí eu “não entendi... não entendi de novo” daí eu falo pra ele a palavra em português, pra ele saber, porque eu acho que ele mesmo se confunde, porque ele deve... o famoso portunhol... você acha que é tudo igual..
APM	Muitas vezes é o famoso portunhol: você acha que porque você fala uma língua, você fala a outra também, né?... questão do feedback: peçam feedback pro parceiro de vocês no final, fala “e aí, o que você achou do meu inglês hoje? Você notou alguma diferença da semana passada pra hoje?”

*Excerto 7- Sessão de Mediação- G2, 13/10*

Mariana afirma que integra mais de um grupo de teletandem, podendo, assim, participar de diferentes experiências junto a parceiros estrangeiros. Sendo assim, faz uma comparação reportando o uso separado de línguas na outra parceria e a utilização do espanhol na atual, vista de forma não positiva. Entendemos que se trata de interferência do espanhol na aprendizagem de português que, segundo Schütz (2018), “(...) é a ocorrência de formas de uma língua na outra, causando desvios perceptíveis principalmente no âmbito da pronúncia, mas também do vocabulário, da estruturação de frases, bem como nos planos idiomático e cultural” (SCHÜTZ, 2018, s/p). O termo “portunhol” é utilizado para se referir à mistura do espanhol e do português na comunicação. A respeito disso, alguns estudos (PICOLI; SALOMÃO, 2020; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2018; SCHÜTZ, 2018; ZOLIN-VESZ, 2014) abordam perspectivas a partir de questões como interlíngua, fossilização, concepções, ideologias, monolinguismo, erro, insuficiência, variantes, normas, preferências e repertórios. Cientes de que tais

possibilidades de interferências demandam um olhar mais cuidadoso e aprofundado, por questões de espaço, infelizmente, não serão abordadas no presente estudo.

No excerto apresentado, a sugestão da APM é a de que ambos estabeleçam um diálogo acerca do fato para que, mediante acordos mútuos, haja satisfação para todos os envolvidos. Mariana afirma que realizou tentativas para tal.

O excerto 8, também, retrata a interferência do espanhol na prática da língua portuguesa.

Viviane	E eu achei que ela melhorou bastante o português. É que, assim... como a língua nativa dela é espanhol, então ela confunde bastante, mas eu percebi que da primeira (interação) ela vai melhorando bastante. Visivelmente!
APM	Essa questão que mistura as duas línguas, né?
Viviane	É, por exemplo, ela tá falando “pero”. Mas a gente tira bastantes dúvidas. ela sempre traz dúvidas que ela tem em português eu sempre trago em inglês, então é bem legal e dá bastante certo!

*Excerto 8- Sessão de Mediação- G1- 02/12*

Viviane, todavia, parece converter os momentos de uso do espanhol em suporte para a aprendizagem, de modo a sanar dúvidas. Ela avalia positivamente a experiência e reconhece os avanços no desempenho da parceira (PICOLI; SALOMÃO, 2020).

No caso de Solange, a parceria parece ter estabelecido uma maneira respeitosa e empática de interagir mediante dificuldades.

Solange	Porque tem horas que ela começa a falar em espanhol e eu deixo que ela continue daí ela para e fala “não, eu não estou falando português” daí ela volta e repete a frase em português. A mesma coisa no inglês. Eu começo a não saber o que falar, ela espera que eu encontre uma outra maneira de fazer ela entender.
PPM	É interessante como cada dupla estabelece uma dinâmica. E a delas... essa completa autonomia e a aparente ausência de colaboração do parceiro não é um problema! É algo que elas inclusive buscam para aprimorar.

*Excerto 9- Sessão de Mediação G1- 28/10*

Como indica o excerto 9, as parceiras demonstram compreensão do processo de ajudar o outro a atingir os objetivos de aprendizagem e isso é destacado na fala da PPM que reconhece os processos nos quais buscam acordos e aprimoramentos nos procedimentos.

Ao compreender a importância de devotar atenção aos princípios que iluminam as ações em tandem, observamos que desajustes podem ocorrer nas parcerias de modo a influenciar os objetivos de aprendizagem estabelecidos pelos pares. Considerando o excerto acima, evidencia-se a postura da interagente ao permitir que a mistura de línguas ocorra, seja por conveniência ou envolvimento. Ressaltamos, então, a importância do acompanhamento de um professor/pesquisador/mediador nas

sessões de teletandem, de modo que seja disponibilizado suporte em caso de necessidades e que este, também, atente para possíveis distrações dos participantes.

Conjeturando os princípios da autonomia, do uso separado de línguas e da reciprocidade na aprendizagem em tandem para viabilizar equidade de oportunidades e, também, o exercício da responsabilidade entre os pares, tecemos, a seguir, algumas considerações conforme os dados aqui apresentados.

### **Considerações finais**

Estabelecendo nosso olhar para o uso separado de línguas e compreendendo que os princípios podem potencializar as práticas colaborativas em teletandem ao gerar equidade de oportunidades, destacamos ocorrências da não separação de línguas nas interações, retratada pelos interagentes nas sessões de mediação. Concluimos que, em diversos momentos, a divisão de tempo para cada uma das línguas é negligenciada pelos pares. Ainda que não tenhamos garantia de que experiências bem sucedidas provenham apenas do uso separado de línguas, diferentes concepções, objetivos e formas de aprendizagem podem ter, também, seu peso nas ações telecolaborativas. Todavia, entendemos que a promoção de iguais possibilidades, como demonstra a literatura da área, deve ser priorizada.

Observam-se nos relatos desigualdades, quer no tempo dedicado às línguas, quer na reciprocidade de ações. Tais questões podem vir a comprometer a experiência de intercâmbio virtual e minimizar seus benefícios já que uma atmosfera desmotivadora pode se instaurar, gerando desconfortos na comunicação e no relacionamento entre os pares de aprendizagem.

Diante de tal cenário, compreendemos a importância da atuação do mediador para intervir, orientar e reforçar questões para fomentar a experiência. A partir dos dados, nossa compreensão acerca do tempo não igualitário na prática bilíngue se apoia em diferentes motivos. Em alguns momentos, deparamo-nos com os fatores apontados por Picoli (2019), como a própria recorrência do *code-switching* como forma de preencher lacunas linguísticas, por exemplo. Depreendemos, também, que para além da mistura das línguas, a não separação pode ser dar por falta de atenção e engajamento na conversação de modo que o momento da troca da língua passe despercebido.

Reforçamos que os princípios norteadores das ações em tandem têm se mostrado essenciais para a busca do equilíbrio e bom andamento das parcerias. A tentativa de oferta de iguais condições para os parceiros, quer no tempo dedicado às línguas, quer em reciprocidade de ações, tem possibilitado condições favoráveis à aprendizagem no intercâmbio virtual.

Salientamos que, a partir do olhar para a divisão e uso separado das línguas, deparamo-nos, também, com a interferência do espanhol e os processos que permeiam a correção, *feedback* e

procedimentos entre os pares. Ressaltamos que, como tais questões perpassam nossos objetivos, optamos por enfocá-las de modo mais superficial, apenas, apontando a presença da língua espanhola no momento da prática da língua portuguesa e o possível desconforto gerado entre os participantes brasileiros.

A partir deste breve estudo, reconhecemos que as referidas línguas, apesar de apresentarem proximidades, geralmente, não são do domínio dos brasileiros, o que pode ocasionar mal-entendidos e que a sessão de mediação pode ser um excelente contexto para discutir a experiência intercultural. Reconhecemos, ainda, que a referida interferência demanda um cuidadoso olhar, se consideradas todas as vertentes teóricas que a envolvem, constituindo-se, assim, um campo profícuo para estudos futuros.

Destacamos o contexto das sessões de mediação para o acompanhamento das parcerias, as formações e o papel do professor/pesquisador/mediador (SOUZA; ZAKIR; GARCIA, 2021) na atuação junto às situações que afloram. Apesar dos dados aqui trazerem, em alguns momentos, tímidas intervenções, é possível notar a consciência, de participantes e mediadores, das questões a serem observadas para a maximização da experiência.

Entendemos, assim, que os contextos articulados para o intercâmbio virtual podem ser constituir espaços para construção significativa de conhecimento, desenvolvimento de posturas crítico-reflexivas e de competência intercultural. Entendemos, ainda, que tais contextos demandam ousadia e comprometimento diante de suas potencialidades e, também, desafios.

## Referências

- ANDRÉ, M. 2013. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. *Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade*, 22.40: 95 - 103.
- ANIKINA, Z.; SOBINOVA, L.; PETROVA, G. 2015. Integrating Telecollaboration into EFL Classroom: Theoretical and Practical Implications. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 206: 156-161.
- ARANHA, S.; WIGHAM, C. 2020. Virtual exchanges as complex research environments: facing the data management challenge. A case study of Teletandem Brasil. *Journal of Virtual Exchange*, 3: 13 - 38.
- BAUMANN, I.; BRICAUD, B.; CHOLLET, I; DUPUIS, V; FALK, P; HERFURTH, H. E, KERNDTNER, F.; SANSENÉ, F. Die tandem-methode. theorie und praxis in deutsch-französischen Sprachkursen. 1999. *Herausgegeben vom Deutsch-Französischen Jugendwerk*. Klett.
- BRAMMERTS, H. 2002. Aprendizagem autónoma de línguas em tandem: desenvolvimento de um conceito. In: DELILLE, K. H.; CHICHORRO, A. (Orgs.). *Aprendizagem autónoma de línguas em tandem*. Edições Colibri.
- BRAMMERTS, H. 2003. Autonomous language learning in tandem. In: LEWIS, T.; WALKER, L. (Eds.). *Autonomous Language Learning In-Tandem*: 27-36. Academy Electronic Publications.
- BELZ, A. J. 2003. From the special issue editor. *Language Learning & Technology*, 7.2: 2-5.
- CAVALARI, S. M. S.; ARANHA, S. 2019. The Teacher's Role in Telecollaborative Language Learning: The Case of Institutional Integrated Teletandem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 19.3: 555-579.

- COSTA, L. M. G.; SALOMÃO, A. C. B.; ZAKIR, M. A. 2018. Telecolaboração transcultural e transcontinental para aprendizagem de línguas estrangeiras: propostas e desafios. *Revista do GEL*, 15.3: 9-25.
- COTO, M. F. E., V; RIVIERE, E; e WOLFF, J. 1983. Bericht über den ersten TANDEM-Sommerkurs mit deutschen und spanischen Jugendlichen. *Hispanorama*, 35: 9-15.
- DELILLE, K. H.; CHICHORRO FERREIRA, A. (Eds.). 2002. Aprendizagem autónoma de línguas em Tandem. *Textos pedagógicos e didáticos*: 12. Lisboa: Edições Colibri.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). 1998. *Collecting and interpreting qualitative data*. London: Sage.
- DOOLY, M. A.; O'DOWD, R. 2018. *In This Together: Teachers' Experiences with Transnational, Telecollaborative Language Learning Projects*. Bern: Peter Lang.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. 2018. Aprendizagem colaborativa de Línguas Estrangeiras: foco em mediações face a face e mediadas pelo computador. *Polifonia*, 25.39.1: 165-182.
- GARCIA, D. N. M. 2012. Ensino/Aprendizagem de línguas em teletandem: espaços para autonomia e reflexão. *Estudos Linguísticos*, 41: 481-494.
- GARCIA, D. N. M. 2013. *O que os pares de Teletandem (não) negociam- Práticas para um novo contexto online, interativo para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Editora UNESP.
- GARCIA, D. N. M. 2015. A logística das sessões de interação e mediação no teletandem com vistas ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. *Estudos Linguísticos*, 44.2: 725-738.
- GARCIA, D. N. M. 2020. *Perspectivas educacionais e novas demandas: contribuições da telecolaboração*. Cultura Acadêmica.
- HELM, F.; GUTH, S.; SHUMINOV, E.; VAN DER VELDEN, B. 2020. Erasmus + Virtual Exchange. In: *Internationalisation of Higher Education – Policy and Practice*.
- HELM, F.; BEAVEN, A. (Ed.). 2020. *Designing and implementing virtual exchange: a collection of case studies*. Research-publishing.net.
- HERFURTH, H. E. 1992. Tandem - Methode oder Verfahren. Zum Spracherwerb in Begegnungssituationen. In: M. ROSANELLI (Org.). *Lingue in Tandem*: 195-220. Autonomie und Sprachbewerb. III International Tandem Congress. Alpha & Beta.
- HERFURTH, H. E. 1994. Individualtandem und binationale Begegnungen. Ein Überblick über Verbreitung, Organisation und Konzeptionen des Sprachenlernens in binationalen Kontexten. *Info DaF*, 21.1: 45-68.
- LITTLE, D.; BRAMMERTS, H. 1996. A guide to language learning in tandem via the Internet. *CLCS Occasional Paper*, 46. Trinity College Dublin.
- LITTLE, D.; USHIODA, E.; APPEL, M. C.; MORAN, J.; O'ROURKE, B.; SCHWIENHORST, K. 1999. Evaluating tandem language learning by e-mail: report on a bilateral project. *CLCS Occasional Paper*, 55. Trinity College Dublin.
- MACAIRE, D. 2004. Du Tandem au tele-Tandem: nouveaux apprentissages, nouveaux outils, nouveaux rôles.
- MÜLLER, M.; WERTENSCHLAG, L.; WOLFF, J. (Eds.). 1989. *Autonomes und partnerschaftliches Lernen. Modelle und Beispiele aus dem Fremdsprachenunterricht (=Fremdsprachenunterricht in Theorie und Praxis.)*. Langenscheidt.
- O'DOWD, R. 2011. Intercultural communicative competence through Telecollaboration. *The Routledge Handbook of Language and Intercultural Communication*: 342-358.
- O'DOWD, R. 2015. Supporting In-Service Language Educators in Learning to Telecollaborate. *Language Learning & Technology*, 19.1:63-82.
- O'DOWD, R. 2018. From telecollaboration to virtual exchange: state-of-the-art and the role of UNICollaboration in moving forward. *Journal of Virtual Exchange*, 1: 1-23.
- O'DOWD, R; BEAVEN, A. 2019. Examining the impact of virtual exchange: an exploration of where virtual exchange belongs in institutional strategy: 14-16. *Forum: Discussing international education*.

- PICOLI, F. 2019. *Projeto Teletandem Brasil: um estudo do princípio da igualdade nas interações sob a ótica da alternância de códigos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara.
- PICOLI, F.; SALOMÃO, A. C. B. 2020. O princípio da separação de línguas no teletandem: o que as teorias propõem e como ele funciona na prática. *Estudos Linguísticos*, 49.3: 1605–1623.
- RIBEIRO, S. B. C.; OLIVEIRA, G. M. 2018. “Olha, eu acho que assim, a gente fala oportunhol porque nós não sabemos o espanhol”: políticas linguísticas em fronteiras multilíngues. *The Specialist*, 39.2: 1-16
- ROSANELLI, M. (Ed.). 1992. *Lingue in Tandem. Autonomie und Spracherwerb. III International Tandem Congress*. Alpha & Beta.
- SALOMÃO, A. C. B. 2008. *Gerenciamento e estratégias pedagógicas na mediação dos pares no teletandem e seus reflexos para as práticas pedagógicas dos interagentes*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.
- SALOMÃO, A. C. B. 2020. Intercâmbios virtuais e a internacionalização em casa: reflexões e implicações para a Linguística Aplicada. *Estudos Linguísticos*, 49.1: 152-174.
- SALOMÃO, A. C. B.; FREIRE JUNIOR, J. C. (Orgs.). 2020. *Perspectivas de internacionalização em casa: intercâmbio virtual por meio do Programa BRaVE/Unesp*. Cultura Acadêmica.
- SALOMÃO, A. C. B.; SILVA, A. C.; DANIEL, F. de G. 2009. A aprendizagem colaborativa em Tandem: um olhar sobre seus princípios. In: TELLES, J. A. (Org.). *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*: 75-92. Pontes Editores.
- SCHÜTZ, R. E. 2018. Interlíngua e Fossilização. *English Made in Brazil*. Disponível online: <https://www.sk.com.br/sk-interfoss.html>. Acessado: 18-jun-2020.
- SOUZA, M. G. 2020. Teletandem na UENP: primeiras experiências de implementação. *Revista Aproximação: Educação, Tecnologia e Sociedade*, 2.3: 37 - 47.
- SOUZA, M. G.; ZAKIR, M. A.; GARCIA, D. N. M. 2021. An overview of Teletandem mediation courses for teacher education. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 37.1: 1 - 24.
- TELLES, J. A. 2006. *Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos - Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP.
- TELLES, J. A. 2009. *Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Pontes Editores.
- TELLES, J. A. 2015. Teletandem and performativity. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 15.1: 1-30.
- WARE, P.; KESSLER, G. 2016. Telecollaboration in the secondary language classroom: case study of adolescent interaction and pedagogical integration. *Computer Assisted Language Learning*, 29.3: 427 - 450.
- WOLFF, J. 1991. Ein kurzer Einblick in die Tandem-Geschichte. In: TANDEM, E.V. (Ed.). *Sprachen lernen im interkulturellen Austausch. Dokumentation der 2. Europäischen Tandem-Tage 1990*: 7-8. Verlag für Interkulturelle Kommunikation.
- ZOLIN-VESZ, F. 2014. Como ser feliz em meio aoportunhol que se produz na sala de aula de espanhol: por uma pedagogia translíngua. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 53.2: 321-332.